

O Boneco de Carne: o olhar de Plínio Salgado sobre o homem moderno (1932-1937)

Alexandre Pinheiro Ramos*

Resumo: Neste trabalho pretende-se apresentar a maneira como Plínio Salgado, chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB), através de suas obras produzidas durante o período de 1932-1937, vê as mudanças que se operam no seio da sociedade brasileira – mudanças estas já observadas na Europa no século XIX – no contexto da industrialização e urbanização do Brasil, sobretudo as relativas ao próprio ser humano. Desta maneira, procura-se demonstrar como Plínio Salgado avalia tais transformações, tendo como foco principal de suas análises o homem moderno, ao que estabelece ligações com os modelos político-econômicos que engendram estas alterações na sociedade, criticando, assim, o capitalismo e o comunismo, vendo neles os verdadeiros culpados por fazerem do homem um simples *boneco de carne*.

Palavras-chave: Integralismo – Plínio Salgado – Modernidade

Abstract: The objective of this work is to demonstrate how Plínio Salgado, national leader of Brazilian Integralist Action (Ação Integralista Brasileira), throughout the books written between the years of 1932-1937, sees the changes that took place in the Brazilian society – changes already seen in Europe on the XIX century – caused by the industrialization and urbanization of Brazil, and above all, those that affect the human beings. Thus, we will try to show how Plínio Salgado evaluates these transformations, focusing his analysis on the modern man, establishing, therefore, connections with the political and economic models that allow these modifications. He criticizes capitalism and communism, accusing them of turning the human being into a flesh doll.

Key-words: Integralism – Plínio Salgado – Modernity

No aforismo número 206 – intitulado *A classe impossível* – de sua obra *Aurora*, de 1881, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche escrevia:

Pobre, feliz e independente! – tais coisas juntas são possíveis; pobre feliz e escravo! – isso também é possível, e eu não saberia dizer coisa melhor aos trabalhadores da escravidão fabril; supondo que não sintam como vergonhoso ser de tal forma usados, é o que sucede, como parafusos de uma máquina (...). Ora, acreditar que um pagamento mais alto pode remover o essencial da sua miséria, isto é, sua servidão impessoal! Ora, convencer-se de que um aumento dessa impessoalidade, no interior do funcionamento maquinal de uma nova sociedade, pode tornar uma virtude a vergonha da escravidão (NIETZSCHE, 2004: 151).

Não é necessário muito esforço para relacionar a citação acima às transformações engendradas pelo advento da industrialização, neste caso, nos países europeus. Se Nietzsche pensava em algum lugar específico – a Inglaterra ou a Alemanha de Bismarck – não é relevante, pois o que importa é a forma como ele vê tal situação, ainda mais se considerarmos

* Mestrando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

processos de industrialização semelhantes. A caracterização daqueles indivíduos tragados para as entranhas deste admirável mundo novo, marcado pelo avanço das indústrias, é a de seres humanos submetidos à escravidão, ou melhor, de simples escravos, pois já foram despidos de sua humanidade, não sendo mais “pessoa, mas engrenagem” (NIETZSCHE, 2004: 151). E diversos outros exemplos poderiam ser dados de intelectuais (escritores ou filósofos) tecendo comentários e ponderando sobre os custos sociais a serem pagos diante das mudanças que se processavam na sociedade.

Mas isto aí exposto diz respeito à Europa, e partindo dela e avançando no tempo e espaço, alcançamos o Brasil do século XX que começa a observar, ainda que de modo incipiente, os primeiros tímidos passos rumo à urbanização e ao estabelecimento das primeiras indústrias – certamente nos referimos aqui, sobretudo, ao estado de São Paulo. Seguindo, então, o caminho trilhado pelas nações européias, não demoraria muito para o País passar a padecer dos mesmos males ali observados, fazendo com que a figura central de nosso breve estudo, em atitude semelhante aqueles intelectuais europeus do século retrasado, se “insurgisse” contra transformações que viessem a prejudicar as pessoas em nome do progresso material. Plínio Salgado é esta figura em cujos escritos os quais lançamos mão mostra seu repúdio a esta situação previamente observada na Europa e que se pretendia “importar” para o Brasil.

Como é sabido, Plínio Salgado foi o fundador da Ação Integralista Brasileira, agremiação de natureza cultural e política criada em 1932. Dada a limitação do presente trabalho, não iremos falar diretamente da AIB ou do Integralismo; procuraremos, assim, nos remeter a eles quando parecer interessante ou indispensável, estabelecendo as conexões necessárias entre as idéias por ele expressadas que dizem respeito ao nosso estudo, e com a ideologia do Integralismo¹.

A cidade como vício

“A cidade simbolizava em tijolos, fuligem e imundície o crime social da época” (SCHORSKE, 2000: 61). Com estas palavras, poderíamos dizer que Carl Schorske resumiu de forma correta como uma porção da *intelligentsia* européia começava a ver o papel, desempenhado em seus países, das cidades que logo se tornariam os símbolos modernos para alguns dos males da sociedade, como pobreza, violência, imundície, etc. Tal qual aqueles

¹ Lembramos que, ao falarmos, aqui, em “ideologia do Integralismo”, nos referimos àquela ligada à proposta integralista de Plínio Salgado, pois acreditamos que dentro da AIB existiam outros intelectuais (sobretudo Miguel Reale e Gustavo Barroso) com idéias diferentes acerca do Integralismo.

intelectuais que passaram a ver a cidade como vício, Plínio Salgado, no Brasil da primeira metade do século XX, passou a lançar sobre o ambiente urbano um olhar extremamente crítico e desolador. Ainda que, como mencionamos, este processo de urbanização/industrialização fosse deveras primário, o que o fundador da AIB procurava fazer era antecipar e alertar para o que poderia ocorrer no País caso não fossem tomadas atitudes a fim de impedir para que os males já provocados no solo nacional não crescessem e se alastrassem.

Essa cidade, para Plínio Salgado, era a representante de um cosmopolitismo que aos poucos esfacelaria o País, destruindo sua cultura, ao promover uma verdadeira “desnacionalização” do Brasil (SALGADO, 1956xix: 96)². Costumes e tradições nacionais aos poucos perdiam espaço no interior desta cidade cosmopolita que trazia consigo uma espécie de “cultura universal” que igualava todos os povos e os descaracterizava. Toda esta questão do cosmopolitismo das cidades encontra eco na própria ideologia do Integralismo, como pode ser facilmente percebido, em seu nacionalismo, na defesa das tradições e da cultura nacionais.

Se, poderíamos dizer, o cosmopolitismo surge como uma espécie de “aura” que recobre a cidade, Plínio Salgado procura também demonstrar aquilo que se encontra sob ela: uma completa decadência tanto em aspectos físicos como morais. O ambiente urbano que aos poucos cresce e se expande só pode ter sua origem no que Plínio Salgado se refere como *Era das Máquinas*. As máquinas, que caracterizam esta “era”, foram criações dos homens que logo se voltaram contra seus criadores, passando a ser seus concorrentes – elas, antes produtoras de conforto para os homens, viram seus algozes ao “tomar-lhes” seus empregos, justamente aquilo que os possibilitaria de possuir tais confortos. Ela é “um ente que tem, sobre o homem, a vantagem de não fazer greves, de não ter coração para amar nem boca para falar” além de “importunar menos e produzir mais, melhor e mais barato” (SALGADO, 1956vii: 344). Desta maneira, para Plínio Salgado, a máquina, o “monstro de aço”, não apenas se iguala ao homem como o supera porque é “muito mais conveniente ao capitalismo universal” (Idem, *Ibidem*: 344) à medida que pode começar a descartá-lo do processo de produção ou, quando muito, transformá-lo em uma de suas engrenagens, assimilando-o quase como em um processo de simbiose.

² Algumas das obras de Plínio Salgado utilizadas neste trabalho foram re-editadas em 1956 sob o título de *Obras Completas*, composta de 20 volumes, mas foram originalmente escritas durante a década de 1920 e 1930. Os algarismos romanos (xix, vii...) ao lado dos anos foram colocadas para facilitar a identificação dos livros aos quais nos remetemos, indicando os volumes onde se encontram.

A cidade, antro do “monstro de aço”, símbolo máximo da *Era das máquinas*, é o espaço, aos olhos de Plínio Salgado, da mais pura desolação, onde, em nome de um progresso que mais se assemelha a um vício, as pessoas são reduzidas à categoria de objetos, *parafusos*, limitadas a um “triste manobrar de manivelas, onde toda a iniciativa do Espírito desapareceu” (Idem, *Ibidem*: 344). E é nesta cidade, por meio das máquinas que a sustentam, que se verifica o surgimento do “homem moderno” caracterizado como um *boneco de carne*.

O boneco de carne

A visão do homem moderno como sendo um “boneco de carne” surge tanto de maneira explícita quanto implícita nos escritos de Plínio Salgado. No primeiro caso, aparece em um texto com o sugestivo nome de “O mundo que espera a catástrofe”, de 1931; no segundo, encontra-se presente em diversos outros momentos onde poderíamos estabelecer uma ligação entre ele e a figura do burguês. Para compreendermos melhor a utilização desta idéia, devemos, antes de tudo, “dissecar” a expressão *boneco de carne* mediante o pensamento de Plínio Salgado. A imagem do boneco representa uma figura semelhante ao ser humano, mas sem individualidade, desprovido de manifestações que possam estar ligadas ao intelecto humano, impedindo-o de uma existência autônoma, sendo, por isso, controlado por uma força externa; o fato de ser “feito” de carne apresenta-se com um duplo propósito: o primeiro diria respeito à ausência de um *espírito* (passível de ser compreendido tanto como “alma”, como no sentido do termo alemão *geist*), estando, assim, em íntima ligação com a imagem do boneco; e o segundo versaria sobre o fato de um apego demasiado grande à vida material – este segundo caso aproxima-se mais das críticas feitas por Plínio Salgado ao “homem moderno”, ao burguês. Desta forma, poderíamos dizer que o *boneco de carne* vem à tona, em um primeiro instante, como representativo de um ser desprovido de espírito criador ou individualidade (seria exagerado dizermos que é o *homo consumens* no lugar do *homo faber?*), e logo depois ele se transforma naquele indivíduo que, sem a presença do espírito, entrega-se totalmente ao mundo material.

Esta primeira versão do homem como boneco de carne nasce, como foi enunciado, na *era das máquinas*, sendo um fruto direto dela. Com o fim gradativo do gênio humano, das manifestações e do cultivo do espírito, acarretados pela *mecanização* das pessoas que agora devem submeter-se ao tempo das máquinas e da produção em massa, o ser humano, reduzido ao seu instinto de sobrevivência, acaba sendo transportado para uma realidade onde está separado de seu próprio eu, *onde ele não mais vive, mas funciona*.

(...) vendo a 'arte' ser substituída pela 'técnica'; a feição individual do artefato anulada pela feição uniforme da produção em série; a tendência das vocações contrariada pelas possibilidades das colocações – o homem moderno vai-se tornando um autômato, um boneco de carne e osso. (Idem, *Ibidem*: 344).

Para Plínio Salgado, este homem moderno, transfigurado no boneco de carne, nada mais é que um instrumento para o avanço da industrialização e do capitalismo, que não tardará em transformá-lo em máquina também: “A vida do instinto é o primeiro passo para a transformação do ser humano em máquina” (Idem, *Ibidem*: 349).

E é mais ou menos isto que acaba por ocorrer, quando da vigência daquela “segunda forma” do boneco de carne: a pessoa, já desprovida completamente de seu espírito, passa a entregar-se a “alegria da civilização materialista”, onde essa “alegria provoca os suicídios e os entorpecimentos” (Idem, *Ibidem*: 366). É neste momento que podemos observar o homem moderno transmutado na figura do burguês. Novamente precisamos fazer a ligação entre estas idéias de Plínio Salgado com a formulação de seu pensamento integralista. O chefe nacional da AIB desenvolve uma ideologia tendo como base princípios morais e, sobretudo, espirituais, fazendo com que crie as categorias de *espiritualismo* e de *materialismo* como um dos principais eixos de seu discurso³. Com isto, vai acontecer que nos textos de Plínio Salgado surgirá uma contundente crítica às formas modernas de vida, caracteristicamente materialistas porque toda e qualquer noção de existência de um plano superior, espiritual, para o ser humano, desaparece. E para ele, seu representante máximo é o burguês, no qual é passível de apregoar-se a idéia do boneco de carne como um indivíduo extremamente materialista: “O nédio burguês é ateu, e não respeita a família e não liga para a Pátria. Leva uma vida de macaco, só pensando em prazeres, com o nariz a cheirar rabos de saia” (SALGADO, 1937: 10), são “os eternos gozadores, os cadáveres ambulantes que nada significam para a Nação”.

Esta visão altamente negativa do homem moderno seria, para Plínio Salgado, conseqüência de uma vida desregrada que traz vantagens somente aos indivíduos isolados, esquecendo-se do todo ao qual pertencem – consoante com sua proposta integralista, este “todo” seria a Nação: “Uma Nação que se deixou dominar pelo materialismo deixa de ser uma Nação, para se tornar um aglomerado de vaidosos (...), de individualistas ridículos, de egoístas ferozes” (SALGADO, 1956ix: 23). É indiscutível o fato de tais críticas servirem ao

³ Dada a limitação de espaço, não podemos explicar do modo apropriado a forma como Plínio Salgado articula e trabalha estas duas categorias, então nos limitaremos a dizer que o *espiritualismo* compreende tudo aquilo que diga respeito as virtudes, a moral e ao espírito humano; e o *materialismo* delimita as manifestações humanas ligadas aos instintos, à busca por bens e/ou prazeres materiais.

programa de mudanças propostas pelo Integralismo, contudo, reduzi-las à categoria de simples retórica política seria esvaziar uma importante porção do pensamento de Plínio Salgado que começa a ganhar corpo ainda na segunda metade da década de 1920. Assim, acontece que esse olhar de desesperança sobre os tempos modernos é *apropriado* pela ideologia integralista, não operando-se o contrário, ou seja, a ideologia criando tais críticas. Plínio Salgado teme uma perda de valores, uma supervalorização do material em detrimento do espiritual, na brusca mudança que se opera. Os homens passam a correr “atrás do dinheiro; e do automóvel que incita latrocínios e impiedades; e das mulheres que reclamam automóveis” (SALGADO, 1956x: 73). Diante deste processo para um novo estágio do desenvolvimento humano, ele pretende fixar-se naquele em que se encontra, impedindo tal avanço, semelhante ao observado no efeito de trava descrito por Norbert Elias (ELIAS, 1994: 172).

Os culpados pela perpetração do boneco de carne na sociedade, para Plínio Salgado, são, principalmente, o capitalismo e o comunismo, pois suas fontes são as mesmas: o materialismo. Eles formam “uma só cabeça, com duas caras, (...) ligada ao mesmo corpo” (SALGADO, 1956x: 221). No pensamento de Plínio Salgado, ambos modelos contribuem para o aspecto “deteriorado” do homem moderno justamente porque reduzem-no somente a sua porção material, estabelecendo um curioso movimento que se iniciaria na demonstração de riquezas, na opulência do burguês diante da miséria do proletário: “A gente olha para [o] burguês. Está bem vestido, com o charuto na boca, acaba de descer do elevador do Jockey Clube, onde levou duas horas almoçando numa roda elegante”; ao ver tal ostentação, o desfrute de prazeres mundanos aos quais encontra-se impedido, o proletário passa a desejar aquela mesma vida e “adere a uma doutrina que lhe diz: ‘o céu e o inferno são aqui mesmo: tratemos de gozar a vida tomando tudo dos burgueses!’” (SALGADO, 1937: pp. 6 e 12).

O homem moderno, apresentado por Plínio Salgado como um boneco de carne, sinaliza, então, para uma decadência do ser humano perdido em uma época marcada pela ausência de valores morais e espirituais, onde o consumo é a única “virtude” aceita e que cultiva principalmente a ganância, a inveja, o ódio, a miséria e até a luxúria – “Não admira que se dê hoje ao amor entre um homem e uma mulher uma finalidade puramente egoísta” (SALGADO, 1956vii: 373).

Um homem *desesperado*?

Alcançando o final do texto, optamos por uma maneira um pouco incomum para concluí-lo: deixaremos em aberto uma questão referente àquilo que trabalhamos ao longo destas páginas. Já observamos, ainda que de maneira breve, a maneira como Plínio Salgado vê o homem moderno, e com base nisto, avançamos mais um pouco em tal interpretação ao indagarmos se este mesmo homem moderno não se encontraria em um estado de *desespero* – e aqui utilizamos a noção de “desespero” com base na filosofia de Sören Kierkegaard. O que nos propiciou uma possibilidade de utilizarmos algumas idéias do filósofo dinamarquês nas análises referentes ao fundador da AIB, é o fato de em ambos a religião ser uma constante de suma importância, exercendo grande influência no pensamento destes dois homens. Nas palavras de Hannah Arendt, Kierkegaard pretendia “afirmar a dignidade da fé contra a razão e o raciocínio modernos” (ARENDR, 1997: 58). Em Plínio Salgado, ele traz a religião como elemento fundamental de sua ideologia além de creditar-lhe um valor altamente positivo na vida dos seres humanos, distanciando-se, assim, de um pensamento racional e objetivo. Vale ressaltar que de maneira alguma pretendemos dizer que estes dois intelectuais partilham de um “sistema filosófico” comum, ou que a religião tem a mesma função em ambos⁴ – pretendemos apenas aproximá-los em questões que julgamos serem “compatíveis”, além do mais, ainda estamos muito longe de fornecer análises mais sólidas; nossa intenção, mencionada acima, é tentar abrir um novo caminho para estudos referentes ao pensamento de Plínio Salgado.

Em relação ao desespero, Kierkegaard considera-o como a “doença mortal”, entretanto ela não tem ligação com quaisquer males físicos – não se pode morrer de desespero, principalmente pelo fato de que “para o cristão, a própria morte é uma passagem para vida” (KIERKEGAARD, 2006: 23) –, mas sim com o “eu”, com o espírito humano. O desespero seria uma enfermidade que aniquilaria o eu (o espírito), matando-o sem, contudo, provocar a morte física do desesperado. Uma das causas para tal condição, a que nos interessa neste momento, seria a escolha, por parte de um indivíduo, de um modo de vida puramente estético, ou seja, em busca apenas de novidades e prazeres cuja natureza é de pura transitoriedade, são efêmeros, sendo necessária a pronta procura de outros, a fim de preencher um vazio em seu ser. Esta busca incessante, assim, transformaria-se no desespero do eu, em uma tentativa de fuga de si mesmo. Agora, ao levarmos em consideração a visão de Plínio

⁴ Tanto que Kierkegaard, antes de mais nada, foi um grande crítico da Igreja enquanto instituição, censurando seus ministros porque estavam mais preocupados em alcançarem posições de destaque na sociedade do que a salvação.

Salgado sobre o homem moderno, temos que: “Ninguém está satisfeito com a vida que vive (...). E toda a preocupação da criatura humana é fugir da realidade da existência”, sendo que “uns fogem nos vapores do álcool; outros nos entorpecentes (...); outros, nos excessos dos prazeres sexuais” (SALGADO, 1956vii: pp. 359-360). Não parece-nos absurdo dizer, ao lembrarmos do que vimos antes, somando-se ao ora exposto, que a categoria de *desespero* de Kierkegaard encontra um eco naquilo que Plínio Salgado analisa referente ao homem moderno – ele entrega-se completamente ao materialismo (a forma de vida estética) em uma sociedade onde “o prazer se torna a única finalidade” (SALGADO, 1956vii: 203). A cada “conquista”, passageira, sucede-se outra, levando a busca incessante, ao *desespero* de tentar aplacar os desejos e, conseqüentemente, de si mesmo quando não alcança tal fim.

De fato, esta “aproximação”, aqui esboçada, entre as idéias de Plínio Salgado e a filosofia de Kierkegaard, encontra-se longe de ser confirmada ou refutada. A questão do homem moderno, analisado pelo primeiro, poder enquadrar-se na categoria de *desespero* formulada pelo segundo, além de outras referentes à presença da religião em ambos, certamente necessita de maiores estudos e reflexões, contudo, lançamos aqui as primeiras dúvidas e questionamentos os quais, acreditamos, possibilitam os primeiros passos na direção de novos territórios a serem visitados no campo do pensamento político-social de Plínio Salgado.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SALGADO, Plínio. *Obras Completas de Plínio Salgado*. São Paulo: Editora das Américas, 1956. 20 volumes.
- SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.